

## MUTIRÕES: A RECIPROCIDADE COMO ESTRUTURA FUNDAMENTAL NA VIDA SOCIAL CAIPIRA

Clara Cristine Almeida dos Santos, Ana Enedi Prince

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000- São José dos Campos-SP, Brasil, [claracristinealmeida@gmail.com](mailto:claracristinealmeida@gmail.com), [prince@univap.br](mailto:prince@univap.br).

### Resumo

A vizinhança rural é definida pelos limites em que seus moradores se ajudam mutuamente em trabalhos no qual o núcleo familiar não é capaz de realizar sozinho. O trabalho coletivo para ajudar um vizinho a realizar determinada tarefa recebe o nome de mutirão e sua participação é comum a todos do bairro. A obrigatoriedade de participação no mutirão e a reciprocidade serão analisadas por meio de revisão bibliográfica de autores brasileiros que pesquisaram a vida social e cultura das comunidades rurais, em especial os autores que tiveram como foco a cultura caipira. O estudo teve como objetivo identificar os diferentes tipos de mutirão e suas finalidades, além de identificar a os rituais de trocas presente no mutirão. A relação de reciprocidade se mostrou como um elemento importante na estruturação da vida cultural e social dos moradores do bairro rural, pois é por meio do mutirão que a vida caipira passa do âmbito familiar para o comunitário.

**Palavras-chave:** Cultura caipira. Mutirões. Rituais de trocas. Bairros rurais.

**Área do Conhecimento:** Ciências humanas, história.

### Introdução

O modo de viver caipira, antes associado à exclusão cultural e social, se tornou objeto de estudo após pesquisadores identificarem na sociabilidade do caipira uma complexa relação social. A vizinhança nos bairros rurais se difere da zona urbana devido à distância entre uma casa da outra, podendo ser de poucos metros ou até quilômetros de distância entre uma pessoa e o vizinho mais próximo. A falta de proximidade não impede com que a vida social do caipira seja ativa, a comunidade toda se conhece e interage constantemente por meio das obrigações religiosas na capela do santo padroeiro e nos dias de trabalho coletivo no qual ocorre a ajuda mútua (Candido, 2023).

A necessidade de recorrer ao outro para cumprir tarefas agrícolas é comum no ambiente rural, pois alguns trabalhos exigem uma rapidez que ultrapassa a que o lavrador com sua família são capazes de realizar. Devido a isso a reciprocidade torna-se um elemento fundamental na vizinhança, visto que é preciso ajudar a quem precisa para que no futuro também seja ajudado. Essa característica de ajuda mútua visando um interesse – ser ajudado futuramente - faz com que a participação nos mutirões seja feita por meio de uma relação obrigatória de cooperação e ajuda por parte de todos os moradores do bairro. O presente trabalho busca identificar o mutirão como um ritual de trocas que estruturam e fundamentam a vida cultural e social do caipira, observando como essa relação se dá nas diferentes situações em que é exigido o trabalho coletivo.

### Metodologia

O presente estudo utilizou de referências bibliográficas consultadas por meio de livros para analisar a relação entre o modo de vida dos bairros rurais e os mutirões. A cultura caipira paulista foi explorada por meio dos autores Antonio Candido (2023) e Carlos Brandão (1983) que descrevem em suas obras diversos elementos da vida cultura e social do caipira, dentre eles os trabalhos de ajuda mútua. Ambos os autores relatam o trabalho coletivo por meio de uma interpretação antropologia e baseando-se em pesquisa etnográfica, descrevendo por meio de exemplos a relação entre os moradores do bairro e a participação nos mutirões como um *ritual de trocas* (Brandão 1983). O aprofundamento sobre o significado do termo *mutirão* e suas dimensões foram realizadas utilizando as ideias de Alba Zaluar (1983), Câmara Cascudo (2012) e Clovis Caldeira (1957).

## Resultados

A palavra *mutirão* é definida no Dicionário do Folclore Brasileiro, publicado por Câmara Cascudo (2012, p. 471-472), como um “nome genérico por que é conhecido o trabalho cooperativo entre as populações rurais”. A palavra possui diversas variações regionais pelo Brasil, estando associada a expressões de trabalho coletivo por meio de ajuda voluntária para determinada tarefa, como capinar plantações, ajudar a cobrir casas de palha, transportar materiais pesados, dentre outros elementos. O autor não se interessa em tentar descobrir a origem do *mutirão*, pois segundo ele:

“O *mutirão* não é nem ameríndio nem afro-negro. É antes uma permanência cultural. Uma instituição social. Um resultado do instinto gregário do homem. Consequência da vida em sociedade. A unificação de esforços no sentido econômico. O povo se une para enfrentar o trabalho, como se une para bater o inimigo comum às portas da cidade, ou para apagar o fogo na casa do vizinho. Apenas cada grupo social o organiza segundo seus hábitos ou tendências peculiares, em consonância com o ambiente. É uma instituição universal” (CASCUDO, 2012, p. 471-472).

Diferenciando-se de Cascudo (2012) que possui uma visão mais ampla sobre o *mutirão*, o pesquisador Antônio Cândido (2023), delimitou seu estudo na cultura caipira paulista. Segundo Cândido (2023, p. 84), o *mutirão* é “uma reunião de vizinhos, convocados por um deles, a fim de ajudá-lo a efetuar determinado trabalho”. A participação no *mutirão* não é remunerada em dinheiro ou qualquer outra espécie, pois está ligada a uma obrigação moral da parte do beneficiado em futuramente também auxiliar aqueles que o ajudaram. O trabalho coletivo, para o caipira, é uma das principais características estruturante do sentimento de pertencimento a comunidade em que se vive, pois é por meio dessa mobilização para ajudar o outro que se definem os limites da vizinhança. Outra definição colocada pelo autor é que o *mutirão* possui um caráter festivo, tornando-se parte da vida cultural do caipira dentro dos limites do bairro.

O pesquisador Brandão (1983, p. 29-34), aprofundou-se sobre o *mutirão* por meio de uma pesquisa etnográfica em campo em um bairro rural de São Luiz do Paraítinga, cidade localizada na região do Vale do Paraíba Paulista. Em seus relatos, o autor descreve que participou do trabalho coletivo junto com outros 30 homens, acompanhando de perto o trabalho realizado ao longo do dia e a festividade durante a noite. Segundo seus escritos, o preparo dos alimentos começou cerca de dois dias antes, sendo a mulher a responsável pelo preparo do almoço e janta que foi servido para todos os trabalhadores. No dia do *mutirão*, os homens chegaram cedo e se dividiram em equipes para irem ao pasto, onde o espaço onde cada equipe trabalharia já havia sido definido. Durante as horas de trabalho, os homens tomavam café e cachaça, brincavam um com o outro e cantavam. O canto chamava-se *brão*, era cantado em duplas e com versos contendo enigmas a serem desvendados, no qual passou-se o dia para que o enigma se resolvesse. Quando se aproximou a hora do almoço, o dono da casa, que durante o dia havia recebido o título de patrão pelos outros, chamou a todo para o almoço. Apenas no final do dia o trabalho chegou ao fim e os homens puderam novamente se dirigir a casa do patrão para jantar e festejar. O festejo contava com cachaça, moda de viola e forró, a festa continuava até que a última pessoa fosse embora e o *mutirão* finalmente fosse considerado encerrado.

Carlos Brandão (1983, p. 29-34) define duas finalidades distintas em que ocorrem os *mutirões*: *mutirão* em prol de uma única pessoa ou em prol do bairro todo. A primeira pode ser descrita com as definições já citadas no presente estudo, no qual a vizinhança se reúne para ajudar uma família específica, por meio de ajuda coletiva nos trabalhos agrícolas. O segundo caso acontece quando todos se reúnem com o objetivo de manutenção ou construção de algo de uso comum no bairro, como a construção de uma capela ou concertar uma ponte que se quebrou.

Segundo Cândido (2023, p. 91-95), o *mutirão* também pode ocorrer sem aviso prévio. Essa situação ocorre quando os vizinhos e familiares percebem que o lavrador precisa de ajuda mesmo que não a tenha pedido. Entretanto, mesmo nesses casos em que os outros trabalhadores apareciam para o *mutirão* sem antes avisar o dono da casa ainda possuía a obrigação do preparo da refeição, entretanto não precisava realizar a festividade após o trabalho, pois se entendiam que não possuía condições econômicas de realizá-la. Quando ocorrem esses trabalhos coletivos “de surpresa” não se chama *mutirão*, mas sim *ajutório*, pois possui uma relação diferente (CÂNDIDO, 2023, p. 91-95).

Cândido (2023, p. 91-95) aponta que existem situações que exigem ajuda máxima e de urgência, sendo um dos principais exemplos o incêndio que é capaz de destruir plantações inteiras ao se

espalhar pelo capim seco. Nesses casos, a fumaça e o fogo são capazes de reunir rapidamente toda comunidade, que para suas atividades para socorrer ao outro e ajudar a controlar e apagar o fogo. Nessas situações, segundo o autor, o papel de liderança é assumido pela pessoa mais experiente e amistosa, que recebe a função de separar os outros em diferentes equipes e funções. A divisão do trabalho não ocorre apenas nos casos de urgência, mas também nos mutirões do cotidiano, pois a divisão torna o trabalho mais rápido e cada pessoa consegue realizar a tarefa no qual melhor se adapta (CANDIDO, 2023, p. 91-95). Segundo Caldeira (1957, p. 29-38) durante as tarefas a área do local em que se vai trabalhar é dividido inicialmente em duas partes, que posteriormente são divididas em quadras. A tarefa de cada pessoa é designada pelo patrão ou dono do serviço. O sistema de trabalho pode ser tanto em fila como em linha, entretanto sempre coletivo.

A mulher do lavrador que solicitou o mutirão fica responsável por fazer toda comida, contando com o auxílio das filhas e, em alguns casos, com a ajuda de algumas esposas dos homens que estão participando do mutirão. Segundo Caldeira (1957, p. 29-38) a presença feminina diretamente no mutirão se vê mais presente em casos específicos, no qual a situação é considerada de extrema urgência e necessita-se de uma maior quantidade de “mão-de-obra”. Nesses casos, considerados exceções a regra geral, as mulheres participam do trabalho agrícola, entretanto com divisões de trabalho similares ao geral.

Um elemento presente nos mutirões é a música, no qual Brandão (1983, p. 29-34) descreveu como o *brão*, cantada em dupla e composta por versos que podem conter enigmas ou referências sobre a vida caipira. Em seus relatos, ele descreve que a música estava presente durante todo o dia de trabalho coletivo e durante o festejo da noite. Para Cascudo (2012, p.412), “é indispensável a música” nos mutirões, fazendo parte do ritual. Entretanto, Caldeira (1957, p. 29-38) aponta que o canto não é obrigatório e nem se faz presente em todas as reuniões de trabalho, sendo em muitas localidades uma prática desconhecida, entretanto, é facilmente encontrado em diversos mutirões de diferentes localidades. Desse modo, os cantos no mutirão não constituem elemento obrigatório, entretanto estão presentes na relação de festejo que possui o trabalho coletivo.

### Discussão

Segundo Antônio Candido as estruturas da sociabilidade do caipira estão vinculadas com o sentimento de localidade para com o bairro, sentimento este que se dá por meio das convivências nas atividades lúdico-religiosas, no comércio e por meio do auxílio mútuo. Desse modo, Candido define o bairro como um “agrupamento territorial, mais ou menos denso, cujos limites são traçados pela participação dos moradores em trabalhos de ajuda mútua” (CANDIDO, 2023, p. 84). Para o pesquisador Willems (1961, p.51, apud ZALUAR, 1983, p.51), o conceito de vizinhança pode ser considerado relativo, pois não é definida pelos limites do povoado ou bairro, mas se estende até a distância considerada próxima o suficiente para que parentes amigos e compadres pudessem estar presentes nos mutirões. Desse modo, o número de participantes que se mobilizava para participar do mutirão indicava um maior ou menor prestígio do agricultor.

Os mutirões são frequentes na vida caipira, pois dificilmente um lavrador e sua família conseguiriam dar conta de todo trabalho agrícola do ano sem ajuda externa, é dessa necessidade de ajuda que surge a rede de relações entre a vizinhança, contribuindo, segundo o autor, para a unidade estrutural e funcional da vida coletiva no bairro (CANDIDO, 2023, p. 91-95). A família ao perceber que algumas tarefas exigem um número maior de pessoas do que a quantidade presente na casa do lavrador convoca vizinhos, parentes e compadres que voluntariavam para ajudar nos chamados mutirões (ZALUAR, 1983).

Os convidados ao mutirão possuem uma obrigação simbólica em ter que participar, pois não ir significa que quando precisar também não terá assistência, quebrando a relação de reciprocidade. Brandão classifica como “uma forma voluntária de trabalho entre iguais entre si obrigados por princípios do direito costumeiro do campesinato tradicional” (BRANDÃO, 1983, p. 29-34). Diferenciando-se da relação de reciprocidade como a espera de um favor posterior, Candido (2023, p. 91-95) traz uma definição diferente, no qual a esfera religiosa possui maior influência. Segundo uma entrevista realizada pelo sociólogo durante sua pesquisa etnográfica, um homem o relatou que é obrigatório aceitar ir a um mutirão, pois a obrigação não é com quem convida, mas sim para com Deus. Desse modo, recusar a participação faria com que a pessoa faltasse com o compromisso de seus deveres sociais e religiosos, no qual o autor define como estruturantes para a vida em coletividade no meio rural.

A antropóloga Alba Zaluar (1983, p. 50-53) analisa o trabalho coletivo dos meios rurais como uma relação de ritual entre seus participantes por meio da reciprocidade múltipla. Os participantes do mutirão esperavam que seu trabalho seja recompensado da mesma forma caso um dia precisasse, por isso que recusar participar significa a exclusão do morador da extensão simbólica de pertencimento ao bairro. Em relação ao lavrador que solicitou o mutirão, esse deveria recompensar a todos com boa comida e bebida após o dia de trabalho. A autora também afirma que foi “o abandono das obrigações morais tradicionais que regiam as relações interpessoais e sua substituição por relações mediatizadas pelo pagamento em dinheiro é que aparecem explicar o abandono dessas práticas sociais” (ZALUAR, 1983, p. 50-53).

A relação entre o mutirão e a espera pela reciprocidade podem ser analisados por meio dos estudos de Marcel Mauss no livro *Ensaio sobre a dívida*. As ações de aparência voluntária possuem uma imposição de obrigatoriedade e interesse, de modo que “recusar dar, negligenciar convidar, assim como recusar receber, equivale a declarar guerra: é recusar a aliança e comunhão” (MAUSS, p. 91, 2016). O caipira possui obrigatoriedade em participar do mutirão, enquanto quem convida possui obrigatoriedade de retribuir o dia de trabalho e de recompensar os voluntários com boa comida e festança, sendo essas as relações que mantêm a boa relação dentro das vizinhanças rurais. Quando um morador não cumpre com a ajuda mútua ele deixa de fazer parte do espaço simbólico de do bairro, desligando-se daquela comunidade e do sentimento de pertencimento. O mutirão funciona como um ritual que deve ser cumprido por uma obrigação moral de reciprocidade, pois por meio dele que a vida caipira passa do familiar para a comunitária, tornando-se um ritual de trocas (Brandão, 1983, p.30)

### Conclusão

Por meio deste estudo foi possível afirmar que o mutirão se constitui como uma prática fundamental para a construção e manutenção das relações sociais nas comunidades rurais, principalmente no contexto da cultura caipira. A análise de autores como Candido (2023), Brandão (1983) e outros possibilitou compreender que a relação de pertencimento para com o bairro se afirma na participação das ações coletivas, devido a isso a distância máxima no qual se estende a participação no mutirão define os limites no bairro e o conceito de vizinhança. Familiares, amigos e vizinhos possuem uma obrigação social em contribuir no mutirão, pois dificilmente apenas os membros da família conseguem suprir sozinhos todas as demandas do trabalho agrícola, principalmente em épocas de colheita ou em casos de crise. Desse modo, os mutirões são cotidianos e podem ocorrer na casa de qualquer morador do bairro.

A participação nos mutirões possui um caráter obrigatório e de interesse, pois recusar a participação faz com que quando precise o lavrador também não possua ajuda dos vizinhos que recusou ajudar. Ocorre também uma obrigatoriedade religiosa, no qual os moradores acreditam que se recusar a ajudar o próximo é também se recusar a um pedido de Deus ou do santo protetor. Por meio desse ritual de trocas, em que se ajuda para serem ajudados, os moradores regem sua vida em sociedade, participando de todos os trabalhos coletivos movido pelo interesse de trocas. As trocas passam a reafirmar o sentimento de coletividade e de pertencimento a comunidade, influência também na vida cultural do bairro, no qual as festas se tornam uma recompensa após concluída a ajuda mútua. Conclui-se, portanto, que é o caráter obrigatório de reciprocidade um dos elementos estruturante da vida social e cultural do caipira.

### Referências

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os caipiras de São Paulo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**: Estudo sobre a cultura caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 1ed. São Paulo: Todavia, 2023.
- CADEIRA, Clóvis. **Mutirão**: formas de ajudas mútuas no meio rural. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12º Ed., São Paulo: Global, 2012.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: CASTRO, Celso (org.). **Textos básicos de antropologia:** cem anos de tradição Boas, Malinkowski, Levi-Strauss e outros. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. cap. 6, p. 83-92.

ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus:** um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.